

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA/MS

Marilene de Oliveira Reis Gonçalves

MUITO PRAZER, ELCIONE MENEZES: memórias de uma transexual de
Paranaíba-MS

**Paranaíba/MS
2016**

Marilene de Oliveira Reis Gonçalves

**MUITO PRAZER, ELCIONE MENEZES: memórias de uma transexual de
Paranaíba-MS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –
UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como
exigência parcial para licenciatura do curso de
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira
Athayde Paes

**Paranaíba – MS
2016**

G627m Gonçalves, Marilene de Oliveira Reis

Muito prazer, Elcione Menezes: memórias de uma transexual de Paranaíba (MS)/ Marilene de Oliveira Reis Gonçalves. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

55f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Memória. 2. Transexualidade. I. Gonçalves, Marilene de Oliveira Reis. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 370.9

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

Marilene de Oliveira Reis Gonçalves

MUITO PRAZER, ELCIONE MENEZES: memórias de uma transexual de
Paranaíba-MS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba-MS, como exigência parcial para Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes

Prof^o. Me. Jemerson Quirino de Almeida

Prof^o. Me. Radaí Cleria Felipe

AGRADECIMENTOS

É com imenso prazer que eu agradeço a todos que comigo fizeram parte dessa jornada. Agradeço pelo carinho e dedicação daqueles que me compreenderam durante todo o processo de graduação e de produção deste trabalho.

À minha família, meu tio Rubens, minha mãe Célia e minha filha Cláudia. Estes, que estiveram comigo em todos os momentos, nos momentos difíceis eles me deram coragem. Dividimos dias de angústia e dias de enormes alegrias, hoje é um desses dias felizes, me fortaleceram e me mostraram que por meio do amor tudo é possível.

À minha comadre Marília Rulli Stefanini, minha grande amiga e quase irmã, a qual eu admiro muito e que sempre me foi fonte de inspiração, como exemplo de pessoa íntegra, a qual deposito toda a minha confiança.

À minha família do coração, Marilú, Milena e minha querida madrinha Ivone Menezes Pereira (*in memoriam*), tenho imensa gratidão a Deus por tê-los em minha vida. Sobre a minha madrinha, foi um privilégio tê-la em minha vida e é a quem dedico este trabalho, com muito amor e gratidão por sempre ter acreditado que eu era capaz de realiza-lo.

Aos meus grandes amigos Michele Oliveira, Jefferson Lack, Ivan e Ricardo, que estiveram presentes nesses momentos de dificuldade e que merecem compartilhar comigo desse momento.

À Elcione Menezes, minha querida entrevistada, que me recebeu muito bem e por ter participado do meu trabalho, foi de grande importância.

E ao meu querido orientador, Professor Dr. Fernando Athayde Paes, queria expor aqui a minha admiração, além de um grande profissional, te considero um grande amigo, agradeço por me apoiar nos momentos difíceis e me mostrar que eu era capaz, obrigada por acreditar em mim, no meu trabalho e me fazer acreditar também.

Azul para meninos, rosa para meninas, branco para quem está em transição e para quem não se sente pertencente a qualquer gênero. Simboliza que não importa a direção do seu vôo, ele sempre estará correto! (Mônica Helms)

RESUMO

Os apontamentos do presente trabalho resultam de estudos teóricos no que tangem aos campos da diversidade, sobretudo aqueles vinculados aos enfoques de gênero. Por outro lado, utiliza-se de dados e conteúdos de pesquisa encetada no âmbito de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), vinculado ao curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), cujo tema foi o da transexualidade. Em 2015, foi desenvolvida uma série de entrevistas com Elcione Menezes, transexual residente na cidade de Paranaíba (MS), cujos eixos temáticos giraram em torno de sua infância e escolarização. Para tanto, os aportes teóricos e metodológicos da História Oral (HO) foram fundamentais na coleta, transcrição e análise dos dados. Em suas memórias, Elcione narra partes da sua infância, no município de Paranaíba (MS), na década de 60, lembranças que estão entrelaçadas com o seu tempo de escola e suas experiências de criança transexual.

Palavras-chave: Memória. Transexualidade. Gênero.

ABSTRACT

The present study results from theoretical studies on the fields of diversity, especially those related to gender approaches. On the other hand, data and research contents are used in the Course of Completion of the Course (TCC), linked to the Pedagogy course, from the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), whose theme was that of transsexuality. In 2015, a series of interviews were developed with Elcione Menezes, a transsexual living in the city of Paranaíba (MS), whose thematic axes revolved around her childhood and schooling. For that, the theoretical and methodological contributions of Oral History (HO) were fundamental in the collection, transcription and analysis of the data. In his memoirs, Elcione narrates parts of his childhood, lived in the farm located in the municipality of Paranaíba (MS), in the 60's, memories that are intertwined with his school time and his transsexual child experiences.

Keywords: Memory. Transsexuality. Genre

ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Elcione em seu atelier	27
FIGURA 02 – Elcione em seu atelier	28
FIGURA 03 – Caderneta escolar	35
FIGURA 04 – Caderneta escolar, boletim com as notas	35
FIGURA 05 – Atelier	37
FIGURA 06 – Elcione em sua mobilete	40
FIGURA 07 – Quando já estava morando em sua casa no Ipê Branco	41
FIGURA 08 – As primeiras fotos que Elcione tirou em Paranaíba	44
FIGURA 09 – Já morando no Ipê Branco	45
FIGURA 10 – Na casa que morou no fundo da serraria	46
FIGURA 11 – Concurso Miss Gay em Paranaíba(MS)	47
FIGURA 12 – Em 2008, se arrumando para o Carnaval no clube	48
FIGURA 13 – Em 2008, pronta para ir para o Carnaval no clube	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 HISTÓRIA ORAL: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO POR MEIO DAS MEMÓRIAS DO INDIVÍDUO	11
1.1 Tradição Oral como Fonte da História	15
1.2 As Contingências e Particularidades da Metodologia da História Oral	16
1.3 História Oral: para além da história tradicional	18
1.4 História Oral: história oficial e Memória	19
1.5 As Reminiscências da Memória.....	22
1.6 Informações Técnicas sobre a Metodologia da História Oral	24
1.7 A Pesquisa Desenvolvida nesse Trabalho	25
2 MEMÓRIAS DE ELCIONE MENEZES.....	27
2.1 Muito Prazer, Elcione Queiroz Menezes!	27
2.2 Infância no Sítio: brincadeiras e simplicidade	29
2.3 Infância e Adolescência na Cidade: primeiras experiências e dificuldades	31
2.4 Escolarização	34
2.5 Da Adolescência à Fase Adulta: Um sopro de liberdade	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXO	53
Termo de Compromisso	54

INTRODUÇÃO

Ao iniciar os estudos com a história oral, descobri um novo modo de se produzir história, novas formas de registrar a história contada e principalmente o fato de dar voz aos grupos marginalizados pela sociedade, esta que pouco considera o percurso de vida traçado por essas pessoas, bem como suas opiniões, seus sonhos não realizados e sua luta diária.

Desse modo, institui como meta desse trabalho, desenvolver um diálogo confortável com as transexuais, no qual elas se sintam à vontade para depor sobre suas experiências vividas da infância até os dias de hoje. Eu tinha como planejamento, entrevistar três transexuais que fossem residentes aqui da cidade Paranaíba, de modo que levantaríamos fatos que nos contassem mais sobre a história delas, sobre as escolas que frequentaram, os lugares de lazer que antigamente existiam por aqui como o cinema, entre outros, entretanto, no primeiro encontro, em 2014, fui à procura delas juntamente com o meu orientador para estabelecer esse primeiro contato, encontramos uma que preferia ser chamada de P.M., estava sozinha em um ponto da cidade e era do Maranhão, veio a Paranaíba á trabalho, explicamos para ela que era apenas o projeto e que a pesquisa se concretizaria em 2015, ela aceitou participar.

No dia cinco de março, saímos à procura das outras transexuais para compor o grupo que nos daria a entrevista e, ao passar pelo mesmo ponto, a reencontramos, agora com uma amiga, também do Maranhão, a S.P., marcamos então uma entrevista no outro dia, às três horas da tarde. No mesmo dia, passamos em um bar da cidade, conhecido por ser frequentado por outras transexuais, resolvemos parar e falar com a dona do Bar, também marcamos um horário para a entrevista, às quatro horas do dia seguinte. Ao chegar no ponto onde estava a P.M., fomos muito bem recebidos pelas meninas, já de cara nos atenderam e aceitaram contar sua história para contribuir com o trabalho, entretanto, ao entrar no bar o clima ficou um pouco tenso, não sabíamos como abordá-la, mas acabou dando certo, ela aceitou nos receber em sua casa para dar sua contribuição para a pesquisa. Entretanto, pude perceber que para além da rotina agitada da P.M., da S.P. e da G.F., elas também tinham receio de realizar as entrevistas, talvez pensando no que pudesse ou não ser falado e de como as pessoas encarariam suas histórias, e de fato decidiram posteriormente por não fazer os depoimentos, foram muito educadas, disseram que não tinham interesse em participar dessa pesquisa.

Depois desse período, soubemos, eu e meu orientador, que tinha uma transexual que trabalhava como estilista na cidade e que era muito famosa pela qualidade de seu trabalho e ela se chamava Elcione Menezes. Entramos em contato com ela e marcamos um horário para que pudéssemos explicar a ela nossa pesquisa e convidá-la a participar com os depoimentos. Fomos até a casa dela, e depois de entender sobre o que estávamos pesquisando, ela aceitou participar do trabalho e disse que estaria a disposição para que fizéssemos as entrevistas. Ao longo de todos os relatos, Elcione falou sobre várias fases de sua vida, desde a infância no sítio até a fase adulta, quando começou a morar sozinha e pôde enfim viver a sua sexualidade longe das restrições que eram impostas dentro do seio familiar.

É importante dizer que ao abordá-las para esse trabalho, relatamos que trabalharíamos com a história oral e como característica dessa metodologia, os depoimentos devem ser transcritos de forma fiel e fidedigna ao que foi dito pelo entrevistado, posto que cada palavra e expressões dos relatos devam ser representadas exatamente ao que foi dito.

Ainda sobre a história oral, é importante dizer que ela foi o primeiro modo de se produzir história, já que mesmo as histórias que não dispunham de documentos escritos, fotografias ou elementos arqueológicos, também deveriam ser registradas de alguma forma, e muitas delas atravessaram gerações por meio da memória humana, as quais eram contadas em conversas informais, cantigas de roda, tradições passadas de geração para geração por seguidores de grupos etnográficos, a tradição indígena por exemplo. Devo dizer que história oral também não pode ser confundida com história de vida, as pesquisas são feitas com direcionamento para algum assunto e os entrevistados são escolhidos de maneira minuciosa, para dar vida a esse procedimento e que venha a contribuir com o trabalho desenvolvido.

Quando resolvi junto ao meu orientador optar por contar a história desse grupo e se utilizando da história oral, constatei que no acervo de monografias da UEMS e nos dados fornecidos pela Scielo, não havia nenhuma pesquisa relacionada a esse assunto, portanto, mais um motivo para ouvir as transexuais que têm muito a dizer e a contribuir para essa pesquisa, bem como para a nossa sociedade, como parte dela. Nesse mesmo período, pesquisei sobre o assunto no Banco de Teses da Capes, encontrei dois artigos que se aproximavam do que eu precisava para citar no trabalho, sobre as pesquisas já feitas nessa área. Um deles tratava-se de uma pesquisa de caráter etnográfico com as travestis e questionava as razões de evasão escolar posta como involuntária, a Tese é de Luma Nogueira de Andrade e o título é *Travestis na Escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa*; e o outro chama-se *Memórias*

escolares de travestis: a formação dos sujeitos nos discursos da ciência, de Joyce Mayumi Shimura, relacionada a questões de identidade humana e também da evasão escolar, no qual elas expõem os motivos que as fizeram abandonar a vida escolar. Encontrei vários que falavam sobre travestis, porém, a maioria dos estudos era aprofundada na área da saúde.

Ao longo de minha vida acadêmica considerei que deveria finalizar esse período com um trabalho de conclusão que fizesse que a diferença na vida das pessoas, ou pelo menos de alguma delas e, principalmente na minha. Realizar esse trabalho de grande responsabilidade social, em que se ouve a história do outro, tratando, aliás, de um grupo específico, as transexuais, no qual elas contam sobre seu cotidiano, suas histórias de infância, sua escolarização, seus medos e sonhos.

Tenho como objetivo geral deste trabalho, ouvir esta transexual, pertencente a este grupo marginalizado pela sociedade, utilizando seus depoimentos para compor esse documento, verificando por meio destes a percepção de sociedade, infância, vida escolar e cultural destas pessoas. Iniciei o projeto com uma fundamentação teórica a respeito da história oral, utilizando autores que citem as diversas formas de se construir documentos por meio da fala e de como esse trabalho deve ser feito para ter validade como documento bibliográfico, os que tratem principalmente a valorização da memória como um modo de se reconstruir e dar vida ao passado.

Ao segundo capítulo, eu dediquei às transcrições dos depoimentos coletados, utilizando de metodologias da história oral, bem como também a descrição dos momentos em que tive contato com a Elcione. Para ao final, na conclusão, fiz um relatório para registrar minhas percepções acerca de todo o trabalho.

1 HISTÓRIA ORAL: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO POR MEIO DAS MEMÓRIAS DO INDIVÍDUO

Assim como o ar que respiramos, a história é de suma importância a vida humana, pois por meio dela, podemos nos conscientizar enquanto membros de uma sociedade, de um grupo, de uma comunidade, bem como reconhecer nossas origens e dar vida ao que somos agora, a identidade que construímos ao longo do tempo que vivemos e do que ainda poderá ser construído ou desconstruído, de acordo com o conhecimento que adquirimos nesse percurso.

Quando falamos em História, logo pensamos na disciplina dada nas instituições de ensino formal, a qual se constitui dos grandes acontecimentos nacionais e internacionais que marcaram a história do Brasil e do mundo, por seu impacto na economia e política dos países, por exemplo, a Revolução Francesa, as Guerras de longos anos, a Colonização e Independência do Brasil, e várias outras histórias, apoiadas por documentos oficiais e principalmente, escritas por pontos de vista oficiais. Nelas, destacam-se estadistas, governantes, pessoas de grande destaque nesses eventos históricos e que pelo ponto de vista oficial, merecem ter sua história destacada, em detrimento das histórias das pessoas comuns que vivenciaram as mudanças de cada época, os grupos marginalizados ou simplesmente as pessoas ali existiram, envolvidas ao seu cotidiano, mas que nunca se destacaram de alguma forma aos olhos desses historiadores.

Conforme Jim Sharpe (1992), ao estabelecer moldes tradicionais de se fazer história, utilizando apenas documentos oficiais, registros escritos oficialmente, os novos historiadores perceberam algumas lacunas que deveriam ser suplementadas de alguma forma nos registros históricos tradicionais, pois não traduziam e não deixavam transparecer a história das pessoas que acompanharam esses eventos históricos, seus sentimentos, sua cultura, seus costumes, o que faziam e como viviam essas pessoas durante esses momentos históricos? Perguntas como essa e várias outras críticas ao paradigma tradicional geraram uma crise de identidade na história da escrita. Dessa crise, surgiu então a “nova história”, termo usado para traduzir um movimento francês, manifestado por meio de uma revista, a *Annales*, tida como uma reação a esse paradigma tradicional, a qual defendia haver sim outros modos de se fazer história. Originalmente fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, esta teve quatro gerações, uma das

últimas, escrita por Paul Thompsom, o qual contribuiu para uma abordagem mais atual da nova história.

A nova história parte do princípio de que a realidade é social ou culturalmente constituída, ou seja, tudo tem uma história, e quando nos focamos apenas em algum evento ou figura histórica, acabamos por deixar pra trás várias histórias e culturas que contribuíram para tudo ser o que é agora, a qual admite que a história total só possa ser contada se tratada de forma estrutural. Portanto, a nova história foca no ser humano de maneira interdisciplinar, apoiando-se em várias outras ciências, como a antropologia, psicologia, sociologia, entre outras. Para uma definição mais precisa, a história tradicional busca a narrativa dos acontecimentos e a nova história busca pontuar os fatores que ocasionaram tais eventos, realizando uma análise das estruturas históricas. Essa nova abordagem, é definida pelo autor Peter Burke dessa maneira:

Mesmo a expressão “a nova história” tem uma história própria. O primeiro uso da expressão por mim conhecido data de 1912, quando o estudioso americano James Harvey Robinson publicou um livro com este título. O conteúdo correspondia ao título: *História*, escreveu Robinson, “inclui todo o traço e vestígio de tudo o que o homem fez ou pensou desde o primeiro aparecimento sobre a terra”. Em outras palavras, ele acreditava na história total. Em relação ao método, “A Nova História” – estou novamente citando Robinson – “vai servir-se de todas aquelas descobertas que estão sendo feitas sobre a humanidade pelos antropólogos, economistas, psicólogos e sociólogos”. (1982, p. 17)

Considerando o período anterior a nova história, em que se aplicava apenas o paradigma tradicional, aliás, este em que se destacava Ranke, um defensor desse paradigma, em que considerava esse método objetivo e satisfatório para registros históricos, posto que o período que antecede a escrita é chamado de pré-história, a qual desconsidera fontes orais, fotográficas, objetos não reconhecidos oficialmente. Entretanto, as pinturas rupestres, tidas como os desenhos feitos pelos homens daquela época nas paredes das cavernas, podem ser consideradas um tipo de depoimento e registro das percepções desses homens acerca do que acontecia naquele tempo, como os animais, atividades humanas, paisagens, entre outros acontecimentos. (BURKE, 1982)

Neste trabalho pretendo utilizar como metodologia de pesquisa, a história oral, a qual, Sônia Maria de Freitas definia dessa maneira:

História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Definida por Allan Nevis como “moderna história oral” devido ao uso de recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento. “O mínimo que podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia de jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta.” (2006, p. 18)

A partir do momento em que a história oral ganhou espaço entre os historiadores, ganhou uma abrangência multidisciplinar, sendo utilizada por outras áreas das ciências humanas além da História, bem como a antropologia, linguística, psicologia, sociologia, entre outras, conforme informações da autora Sonia Maria de Freitas, a qual também afirma que: “O uso de fontes orais no trabalho historiográfico é cada vez mais comum. [...] Na perspectiva do trabalho que realizo, a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas” (2006, p. 18). Essa metodologia, busca por meio de depoimentos e entrevistas, reconstituir o passado do indivíduo, dando destaque as suas atividades diárias, suas percepções de mundo, seu trabalho, sua cultura (considerando o homem um ser cultural, na qual cada um desenvolve seu modo de vida de acordo com a sua cultura), sua infância, escolarização, entre outras. Podemos dividir a História Oral em três gêneros diferentes: tradição oral, história de vida e história temática.

A tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. [...] Mas a tradição oral não está presente apenas nas comunidades tidas como “iletradas” ou tribais. Ela pode também ser identificada e resgatada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia da História Oral. [...] História Oral também não é sinônimo de história de vida. Na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo. [...] Com a história Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo. (2006, p. 19-20)

Partindo destes três gêneros, os quais Sônia Maria de Freitas (2006) define no quadro acima, a história oral vem conquistando seu espaço entre os historiadores, posto que neste trabalho, realizo uma pesquisa qualitativa e que pode ser encaixada na história oral temática, no qual eu utilizo depoimentos de uma transexual, sobre sua infância e escolarização.

Embora tenha recebido esse nome há relativamente pouco tempo, a História Oral pode ser notada desde os primórdios da existência humana, conforme a autora Sônia foi “uma das primeiras modalidades de se fazer história” (2006, p. 21), já que a existência humana antecede a escrita, não podemos tão somente anular esse período como pré-história, mesmo porque havia uma história a ser contada e mesmo que fosse por meios não oficiais. Nesse caso a tradição oral se faz presente em várias histórias de culturas que de algum modo não tiveram o mesmo espaço entre os grandes acontecimentos, mas podem ser um dos fatores que causaram tal acontecimento, sendo esse um dos principais focos da história oral (VANSINA, 1981).

Embora o movimento que ocasionou a quebra do paradigma tradicional e o surgimento da nova história ter surgido em 1929, com a revista *Annales*, esta que só chegou ao Brasil nos anos 80 e, principalmente nos 90. Essa chegada tardia ao Brasil, segundo a autora Sonia Maria de Freitas, “deve ser relacionada ao golpe militar de 1964 que: ‘[...] coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos.’” (2006, p. 36). Neste momento, podemos destacar mais uma das importâncias da história oral, como meio de dar voz a um público que teve de se calar em meio ao militarismo em que viviam censurados em uma época de total opressão acerca da liberdade de expressão.

Por ser uma metodologia relativamente nova e utilizar de recursos não oficiais, esse tipo de pesquisa sofreu e sofre várias críticas acerca de sua credibilidade enquanto modo de se produzir documentos historiográficos, historiadores tradicionais consideram que o depoimento pode se manifestar de forma relativa e, portanto, falível ou manipulada pelo modo como a entrevista é realizada. Entretanto, se tratando das ciências humanas, é razoável admitir que todos os documentos, ainda que oficializados, estão vulneráveis a esse tipo de crítica, posto que também fossem escritos pela mão de alguém que sofre os efeitos de determinada cultura, política e sociedade provavelmente diferentes ou não daqueles que irão utilizar essa história. Contudo, é sensato citar que a história oral não tem como objetivo principal produzir fontes históricas apenas ligadas aos grandes eventos históricos, mas sim contar a história da pessoa em sua individualidade, a história que envolve seu cotidiano e te faz único por ter traçado sua trajetória de vida dessa forma (FREITAS, 2006). É possível também recuperar histórias locais por meio das memórias coletivas, sendo assim, a História Oral possibilita vários tipos de pesquisa, também acerca do presente:

A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo também é história. A História Oral legitima a história do presente,

pois a história foi. Durante muito tempo, relegada ao passado. [...] Pois é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. [...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento. A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. (FREITAS, 2006, p. 46-47)

Ao trabalhar com história oral, estamos sujeitos aos problemas das fontes, lidar com a memória do entrevistado é algo delicado e deve ser feito de maneira sutil, voltando sua atenção sempre ao eixo da entrevista, sempre divulgando a temática para que o entrevistado não se perca em seu relato sobre o tema proposto pelo entrevistador-pesquisador. No livro de Sonia Maria Freitas (2006), ela faz vários ensaios sobre como deve acontecer essa entrevista e a melhor maneira de utilizá-la em trabalhos acadêmicos sobre a produção de documentos orais.

1.1 Tradição Oral como Fonte da História

Ainda nesta problemática de construção de novos modos de se registrar a história, a tradição oral foi utilizada mesmo em países onde existia a escrita, entretanto, valorizava-se a palavra falada como uma forma de se registrar a história desses povos, como:

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita, como na África ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade. Seria um erro reduzir a civilização da palavra falada simplesmente a uma negativa, “ausência do escrever”, e perpetuar o desdém inato dos letrados pelos iletrados, que encontramos em tantos ditados, como no provérbio chinês: “A tinta mais fraca é preferível à mais forte palavra”. (VANSINA, 1981, p. 157)

Conforme a autora, uma sociedade oral reconhece a palavra fala não somente como uma forma de comunicação, mas também como uma forma de preservar a cultura e sabedoria dos seus ancestrais e passa-la de uma geração para a outra. Em comunidades que não se utilizava a escrita, sua história se preservou apenas por este meio, a tradição oral. Entretanto, é importante dizer que a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. De modo que a tradição oral deve ser valorizada em sua essência, de suma

importância para a existência do ser humano e dos registros de sua história e não apenas como uma exceção aos casos em que não se tem documentação oficial (VANSINA, 1981).

As tradições desconcertam o historiador contemporâneo – imerso em tão grande número de evidências escritas, vendo-se obrigado, por isso, a desenvolver técnicas de leitura rápida – pelo simples fato de bastar à compreensão a repetição dos mesmos dados em diversas mensagens. As tradições requerem um retorno contínuo à fonte. Fu Kiau, do Zaire, diz, com razão, que é ingenuidade ler um texto oral uma ou duas vezes e supor que já o compreendemos. Ele deve ser executado, decorado, digerido internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado para que se possam apreender seus muitos significados (...) O historiador deve, portanto, aprender a trabalhar mais lentamente, refletir, para embrenhar-se numa representação coletiva, já que o corpus da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma. (VANSINA, 1981, p. 157-158)

Neste trabalho de Vansina (1981), ela diz que reconhece a fala não somente como um mecanismo de comunicação cotidiana, mas sim como uma forma de se preservar a “sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra.” (VANSINA, 1981). Contudo, podemos perceber que por meio da tradição oral, pôde-se resgatar resquícios importantes do passado, história que ficavam retidas apenas na memória das pessoas e que contribuiriam para os registros da história.

1.2 As Contingências e Particularidades da Metodologia da História Oral

Para utilizar essa metodologia em pesquisas, é necessário que se disponibilize tempo e dedicação ao trabalho, pois é um método minucioso, que exige ações como: preparar um bom roteiro de entrevista, que atenda às necessidades de conhecimento de sua pesquisa; entrar em contato com o indivíduo que seja entrevistado; gravar o testemunho com os equipamentos próprios para que se possa transcrevê-lo da maneira correta, de modo que não haja ruídos ou outros fatores que atrapalhem a íntegra dessa transcrição; e por último, o cuidado ao aplicar essas transcrições em projetos de pesquisa, os quais devem sempre ter como suporte o termo de compromisso assinado pelo entrevistado, autorizando a divulgação desses dados (FREITAS, 2006). É um trabalho que, segundo, Verena Alberti (2011), demanda tempo e

requer recursos financeiros, para que se possa realizar uma boa pesquisa. É bom que se tenha claro, que ao optar por este tipo de pesquisa, é preciso que se tenha clareza do tema a ser pesquisado, posto que algumas pesquisas podem ser compostas por um único entrevistado, bem como por vários indivíduos a serem entrevistados.

Uma das riquezas da História Oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas. Essa noção é particularmente desenvolvida em textos alemães e que recebe o nome de “História da experiência” (*Erfahrungsgeschichte*) e aparece em combinação com as ideia de mudança de perspectiva (*Perspektivenwechso*). Em linhas gerais, essa combinação significa o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. Um estudo da História Oral sobre uma organização anarcossindicalista durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), por exemplo, desmistificou a ideia antes predominante de autogestão operária, relevando clivagens internas em um período em que se supunha prevalecer a colaboração. Na Alemanha, uma entrevista com um trabalhador que ingressou no Partido comunista Alemão na década de 1920 revelou que explicações generalizantes dadas a respeito da influência comunista sobre os trabalhadores da República de Weimar, como a situação do proletariado ou a influência do aparelho partidário, podem nem sempre corresponder às situações específicas. Essa ‘História da experiência’ é, para o historiador Lutz Niethammer, uma possibilidade de nos aproximamos empiricamente de algo como o “significado da história dentro da história” e permite questionar de modo crítico a aplicação de teorias macrossociológicas sobre o passado. A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica – nesse sentido permite a “mudança de perspectiva”. (ALBERTI, 2011, p. 165-166)

Ao aceitar a história oral como uma forma de se produzir história, os historiadores tiveram que aceitar que a história oficial seria passível de grandes mudanças, ao terem que aceitar também as histórias que haviam dentro da história, os relatos de pessoas que acompanharam alguma conjuntura histórica e que descrevem aspectos locais e cotidianos dessa época. Neste texto, Alberti (2011) afirma que a história oral é uma possibilidade de mudança de perspectiva, já que é uma metodologia que envolve a reflexão do que foi pesquisado, perante a história oficial, sendo que, às vezes, pode acontecer que uma contradiga a outra. Nesse sentido:

Para evitar a polarização simplificadora entre memória “oficial” ou “dominante”, de um lado, e memória “genuína” ou “dominada”, de outro, é preciso ter em mente, portanto, que há uma multiplicidade de memórias em disputa. O próprio Pollak chamou a atenção para isso quando observou “a existência, numa sociedade, de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade”. (Pollak, 1989, p.12). Robert Frank, seu colega no Institut d’Histoire du Temps Présent, propôs uma classificação em quatro níveis, que vai desde a memória oficial da nação, passando pela memória dos grupos (dos atores,

dos partidos, das associações, dos militantes de uma causa etc.) e pela memória erudita (dos historiadores), até a memória pública ou difusa (Frank, 1992). E Portelli, finalmente, chama a atenção para o fato de, em sociedades complexas, os indivíduos fazerem parte de diversos grupos e, portanto, deles extraírem as diversas memórias e organizá-las de forma idiossincrática (Portelli, 1996, p.127). Essa diversidade constitui, a meu ver, a melhor alternativa para que possamos abrir mão da polaridade entre “memória oficial” e “memória dominada”. (ALBERTI, 2011, p.35)

Sendo assim, para que não haja uma ideia de que a história oral seja uma rival da história oficial, é preciso compreender que mais do que isso, elas podem se complementar, e construir novos conhecimentos, em vários campos da ciência, posto que todos foram construídos a partir dessa história dominantes e que agora entram em conflito com esse novo modo de se conceber a história.

1.3 História Oral: para além da história tradicional

Para que pudesse se pensar nas múltiplas possibilidades que procedem da história oral, a teórica Verena Alberti, elencou três observações, fundamentadas em autores como Robert Frank, Michael Pollak e Alessandro Portelli. A primeira observação foi extraída do artigo de Robert Frank, o qual considera que esta metodologia pode “contribuir para uma história objetiva da subjetividade. Isso implica, segundo Frank, que o pesquisador deve ter como objetivo ir além da simples história do acontecimento, interessando-se também pela *história da memória* desse acontecimento até nossos dias” (ALBERTI, p. 2011, p. 09). Ainda neste artigo, ela cita um trecho de Robert Frank, explicando o porquê dessas afirmações:

Porque o conhecimento do passado dito “objetivo” não basta para explicar o presente, sendo preciso acrescentar-lhe o conhecimento da percepção presente do passado. Esse “presente do passado” é precisamente a memória, e o estudo acadêmico dessa última permite melhor compreender a identidade que ela tem por função estruturar. (FRANK, 1992, p.67)

Conforme Alberti, em sua citação de Frank, ela afirma que a memória deve ser levada em conta como construção de história, se tratada como fato, sem o qual a história oficial permanece insuficiente, posto que as memórias se constituíram partindo de acontecimentos históricos, pois então, nessa linha, é importante que se registre também a percepção das

peças que vivenciaram tais eventos históricos e sobre como sofreram as influências desses eventos.

A segunda observação é por conta da própria Alberti, a qual relata que em pesquisas de História Oral realizada na França e na Alemanha, ao entrevistarem as pessoas sobre determinadas datas e eventos históricos, a memória de cada pessoa tinha para si como importante, outras datas que marcaram o seu cotidiano de modo mais próximo, em detrimento das datas consideradas marcantes para a memória oficial.

A terceira e última observação elencada por Alberti, foi de Alessandro Portelli:

Num movimento que eu avalio como tentativa de dar um passo além da simples constatação do passado construído, Portelli chama atenção, contudo, para a necessidade de tomarmos os “fatos” do historiador e as “representações” dos antropólogos juntos, pois, de outro modo, não saberemos distingui-los (id., p.111). Fazendo um paralelo com a questão das cronologias que discuti anteriormente, diria que Portelli chama atenção para a necessidade de se considerar tanto o ano de 1933 quanto os de 1934, 1935 e 1936, para podermos tratar objetivamente a história da memória desses acontecimentos. (ALBERTI, 2011, p. 09)

Nestas observações, Alberti consegue levantar questões e possibilidades para esta metodologia de pesquisa, partindo destas três observações. E ainda completou dizendo que conforme suas pesquisas acerca deste tema, “a grande riqueza da história oral é ela permitir investigações sobre como representações se tornam fatos – o que pressupõe um caráter acidental da memória, para além de sua função de significar o passado”. (ALBERTI, 2011, p. 09)

1.4 História Oral: história oficial e memória

As críticas direcionadas a história oral, podem estar ligadas a “pesquisadores que ainda mantém vínculos com a tradição historiográfica do século XIX, que elegeu como modelo de documento escrito, objetivo (neutro), dado como fidedigno” (FREITAS, 2006, p. 39). Dessa forma, essa metodologia de reestruturação da história por meio de depoimentos de indivíduos que vivenciaram tais acontecimentos, passaram a ser considerados como documentos de baixo valor historiográfico, posto que se já era assim com os testemunhos

escritos, com as fontes orais o valor era ainda menor, devido ao fator da subjetividade de cada indivíduo, bem como as informações tendenciosas que poderiam comprometer com a autenticidade desse relato, e que portanto só deveria ser utilizada em última instância.

Entretanto, ainda pensando na possibilidade de valorizar essa metodologia, como uma forma de construção da história, a qual foi o enfoque do movimento dos Annales, que afirmou a respeito dessa nossa forma de se conceber a história:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e canga dos bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FREITAS, 2006, p. 42)

Foi então, que partindo desse enfoque dado ao “estudo do cotidiano, os historiadores franceses, sobretudo, mostraram que as fontes da história não eram mais somente os documentos oficiais” (FREITAS, 2006, p. 43), desse modo, se considerarmos os indivíduos como seres que produzem história e que a experiência individual de cada um é importante na estruturação da visão do todo, pode-se sim considerar a história oral como uma forma de contribuição direta para a história.

A história de algumas sociedades, construíram-se por meio da tradição oral, as quais tinham suas histórias registradas apenas por meio da fala e memórias das pessoas, histórias que atravessaram gerações e que deram vida ao passado dessas pessoas e lugares. Temos então, como exemplo, dessas sociedades, as tribos indígenas, as quais possuem dentro de sua concepção de formação plena de um ser humano, para além das atividades diárias de sobrevivência, a cultura de se preservar as histórias de seus antepassados por meio de rituais que permitiam aos jovens, ao longo de toda a sua formação até a fase adulta conhecer essas histórias e o compromisso de passá-las a frente, conforme Sônia Maria de Freitas explicita em seu texto.

Entretanto, o temos que levar em consideração que “as atuais correntes da historiografia têm ressaltado a necessidade de uma reavaliação dos critérios pelos quais se

determina a utilização e análise de fontes históricas, pois na produção do conhecimento, fatores como a subjetividade e a seletividade são inevitáveis” (FREITAS, 2006, p. 45). Deste modo, esta metodologia de pesquisa tem atingido um novo “status”, em decorrência dos “novos significados atribuídos aos depoimentos, às histórias de vida, às biografias, etc”, conforme Freitas, que ainda completa dizendo que “o documento gravado, como qualquer tipo de documento está sujeito a diversas leituras. O procedimento do historiador/pesquisador diante de tal documento deverá ser o mesmo, no que concerne à sua análise e problematização” (FREITAS, 2006, p. 46).

Em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais: "Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. Esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. (POLLAK, 1989, p. 01)

Neste contexto, esta metodologia de pesquisa gera documentação para que se reconstrua o passado recente, pois o hoje também faz parte da história, que até então, era relegada ao passado, portanto, legitimando a história do presente por meio da história oral. Freitas ainda destaca que esse “redimensionamento do trabalho do historiador e a crescente revalorização da oralidade – embora mediatizada – trazida pela expansão dos meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão, o cinema, discos, etc., indicam a oportunidade de uma revisão das posturas historiográficas que têm, até hoje, olhado com grande desconfiança o testemunho pessoal” (FREITAS, 2006, p. 46).

Conforme Freitas:

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. A história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamim responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (2006, p. 50)

Contudo, podemos dizer que o movimento dos Annales e o surgimento da Nova História, foram muito mais que um conflito entre historiadores, mas uma forma de se romper

com a omissão da história em assumir que países, etnias, tribos, entre outros grupos, os quais tinham suas histórias registradas apenas em memórias e tradições orais, mas que agora, marcam a sua cultura de forma legitimada por esta metodologia, a qual é citada por Maria de Lourdes Mônico Janotti:

(...) livre de cânones rígidos, onde a história do presente, do cotidiano e da experiência individual adquiriram significativa importância. Muito contribuiu para esta inovação o pensamento dos intelectuais da chamada ‘Escola de Frankfurt’. O tema da Memória, juntamente com o da Cultura, passou a ser para os historiadores um desafio e motivo de renovada criação, como atestam os trabalhos de J. Le Goff, Pierre Nora, E. P. Thompson, Christopher Hill e Keith Tomas, para citar alguns exemplos. (1995, p.61)

Com todo esse enfoque que os historiadores franceses deram ao estudo do cotidiano, Freitas (2006) afirma que “as fontes da história não eram mais somente os documentos ‘oficiais’” (p. 43), mas que se poderia considerar, não somente na falta de tais documentos, as fontes orais, que com os depoimentos de suas vivências frente a fatos históricos, poderia sim produzir fortes traços do passado que até então não eram registrados.

1.5 As Reminiscências da Memória

Conforme a etimologia da palavra reminiscência, pode-se constatar que trata-se de um registro mental de um fato. Desse modo, ao se trabalhar com a história oral, buscamos por meio dessas memórias reminiscentes a reconstrução da história, ou seja, que por meio de depoimentos individuais, de sujeitos que vivenciaram tais acontecimentos, se possa reestruturar a memória histórica, bem como os registros oficiais desses eventos. Em seu livro, Freitas (2006) evidenciou que para que viabilizasse este trabalho, foi preciso que constatasse o conceito de memória, sendo que esta metodologia “tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva (...)” (p.51).

Aristóteles distingue *mnemê* (memória) – faculdade de conservar o passado – e *mamnesi* (reminiscência) – faculdade de evocar voluntariamente esse passado por esforço intelectual. Platão, por sua vez, emprega a imagem da memória como impressão, traços depositados e gravados em nós: “A alma é revestida de uma camada de cera de modelar, cuja espessura, consistência e pureza variam, aliás, de acordo com os indivíduos. Ora, por um dom da mãe das Musas, Mnemósine, a cera recebe a impressão das sensações e pensamentos, formando uma gravura análoga a marcas de anéis. Esta impressão é como que o assinalamento da coisa e o meio de

recordarmo-la. O que se apagar ou não conseguir de forma alguma imprimir-se nós esquecemos”. (FREITAS, 2006, p.53)

Podemos perceber então que a memória pode ser estudada no contexto individual e no contexto coletivo, podendo também partir-se de várias memórias individuais para que se reconstrua uma memória coletiva, seguindo então o sentido da reminiscência, ou seja, contradizer a forma de divulgação de algum acontecimento histórico, a partir das lembranças de quem vivenciou esse fato, deixando então de ser uma mera representação individual e reconstruindo o passado, e relembando Pierre Nora, memória é o vivido e história é o elaborado. E conforme o autor Michel Pollak em seu livro, “Memória, esquecimento, silêncio”, explana o seguinte trecho sobre esse tema:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis. (1989, p. 07)

Ao estudarmos as memórias coletivas, fazemos uma análise de eventos para interpretar o passado, objetivando salvar e guardar os sentimentos de grupos sociais, até então marginalizados pela sociedade, e que por meio da oralidade, podem ter suas histórias resgatadas e documentadas para estudos posteriores, de modo que essas experiências não se percam ao longo da história.

As lembranças podem ser simuladas quando ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. Por outro lado, afirma Halbwachs, não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito. (...) A memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. (HALBWACHS, 2004, p. 09)

Conforme Halbwachs, embora possa-se considerar que a memória individual esteja propensa a erros, principalmente quando ela encontra pontos de identificação com outras memórias de integrantes do mesmo grupo, ainda assim, pode-se constatar que há um ponto de lembrança que seja seguro e que a partir deste, as outras memórias possam ser apoiadas.

1.6 Informações Técnicas sobre a Metodologia da História Oral

Ao trabalhar com esta metodologia, é preciso que se siga alguns procedimentos, para que se possa construir um projeto de reconstrução do passado. Não se trata apenas de uma entrevista e transcrição sobre algum fato, pois como é um trabalho acadêmico e que terá divulgação dentre outros, é necessário que se tenha cuidados sobre como esse depoimento será organizado e em que contexto ele será utilizado.

Esse trabalho é iniciado com a elaboração de um projeto, para que se defina o tema e onde se quer chegar com essa pesquisa:

Ao se eleger um tema, é importante que esse seja relevante para as questões históricas mais amplas. Sendo um método por excelência voltado para a informação viva, a História Oral abarca o período contemporâneo da História. Portanto, após a definição do tema, há que se definir o nome das pessoas a serem entrevistadas. A relação de nomes nunca é definitiva, pois, muitas vezes, um depoente leva-nos a descoberta de outros; algumas vezes, a pessoa eleita pode declinar do nosso convite. Nessa modalidade de trabalho, corremos o risco de gravar memórias confusas e debilitadas, pois na velhice pode ocorrer nas pessoas o fenômeno da senilidade com perda ou descontrole da memória. (FREITAS, 2006, p. 85)

Com a elaboração do projeto, o próximo passo é a pesquisa, para que se possa ter um conhecimento mais aprofundado acerca do seu objeto de pesquisa, “passamos então a fase da pesquisa bibliográfica, biográfica e investigação exaustiva em fontes primárias e secundárias. Confeção de fichas bibliográficas e de cronologia colaboram para o bom desempenho da pesquisa” (FREITAS, 2006, p. 87). Quando ainda na fase de elaboração do projeto, escolhe-se as pessoas que serão entrevistadas de acordo com os interesses da pesquisa e de como poderá contribuir para a pesquisa a ser desenvolvida. Feito isso, é importante que se faça nesta fase de pesquisa e de revisão biográfica e bibliográfica, um levantamento do tema, para que a partir disso, possa-se viabilizar o projeto de pesquisa e posteriormente o roteiro da entrevista.

Todo entrevistador precisa saber como conduzir a sua entrevista, as questões mais importantes a serem perguntadas e até onde ir nessa entrevista. (...) uma entrevista

sem roteiro e direção tende a ser subjetiva e sem dados realmente fundamentais para a pesquisa. Por outro lado, o que o depoente considera relevante pode não ser, do ponto de vista de nosso trabalho. Por outro lado, levantar questões é útil para as pessoas que falam pouco ou que têm certa dificuldade de se expressar oralmente. (FREITAS, 2006, p. 88)

Podemos perceber neste trecho retirado do livro de Freitas, que embora algumas falas possam não ser necessárias ao trabalho, mesmo que o depoente as considere importantes em ser mencionadas, devemos entender, conforme descrita por Freitas, trata-se de um trabalho minucioso que pode envolver vários detalhes em sua construção, e este é um desses detalhes, pois de uma fala que pode ser desconsiderada para o trabalho, pode surgir outra que complemente a linha necessária para contextualizar as outras e auxiliar a dar sentido ao todo, portanto, essa metodologia não se esgota em apenas um encontro com o entrevistado, mas sim de um conjunto de entrevistas, em vários encontros com o depoente.

Muitas vezes, o depoente nos introduz importantes questões não previstas no roteiro original, o que resulta em um enriquecimento da pesquisa. Procuramos manter sempre o controle da entrevista no sentido de garantir as perguntas e/ou questões não abordadas pelo depoente. Deve-se evitar o fornecimento do roteiro ao depoente antes da entrevista. É comum pessoas socialmente importantes – ou seus assessores – nos pedirem previamente a pauta ou roteiro. Forneça-a somente se esta for a condição da realização da entrevista, pois o contato prévio induzirá o depoente a tentar elaborar respostas, tirando a espontaneidade da fala. Além disso, ele poderá ficar angustiado e nervoso pelo fato de não se lembrar das respostas premeditadas. (FREITAS, 2006, p. 90)

Freitas ressalta neste trecho a importância de não influenciar o entrevistado com uma prévia da pauta de entrevista, para que nessa tensão de responder o que será perguntado e de ter suas respostas gravadas, o depoente se sinta pressionado e acabe se chateando com a situação e não perceba a real importância de suas falas para o desenvolvimento de um trabalho, além disso, também é de suma importância que não sejam depoimentos previamente ensaiados, é necessário que se tenha espontaneidade para que surjam nossas falas ao longo da entrevista.

Sendo assim, quando trabalhamos com memórias, estamos sujeitos a alguns riscos como estes citados por Freitas. Justamente por isso, esta metodologia envolve procedimentos sistemáticos que vão da elaboração do projeto até a transcrição e conferência, além dos aspectos éticos que devem ser considerados ao longo do trabalho.

1.7 A Pesquisa Desenvolvida nesse Trabalho

Esta metodologia foi escolhida para desenvolver e viabilizar este trabalho, no qual a história oral é utilizada para coletar e registrar as vivências de uma transexual da cidade de Paranaíba, a qual terá no capítulo seguinte, suas falas organizadas em um capítulo destinado a sua história de vida, enquanto sujeito, que pertence a uma classe social marginalizada. Este trabalho foi feito por meio de depoimentos dados pela entrevistada, os quais foram registrados de acordo com a metodologia da história oral. Foram feitas cinco entrevistas com a transexual Elcione Menezes, utilizando os princípios da metodologia, trazendo suas memórias acerca do seu período de infância e de escolarização. Na transcrição das entrevistas, optei por colocar pseudônimos aos nomes citados pela depoente, para preservar a imagem tanto da depoente quanto dos outros participantes dessa história de vida.

2. MEMÓRIAS DE ELCIONE MENEZES

Este capítulo foi dedicado a transcrição das entrevistas que fiz com a estilista Elcione Menezes, no qual ela relata experiências de sua infância em Aparecida do Taboado e de quando veio residir em Paranaíba, além de trazer neste capítulo também as vivências da época em que estudou, na escola Manoel Garcia Leal.

2.1 Muito prazer, Elcione Menezes!

Figura 01: Elcione em seu atelier



Fonte: acervo da entrevistada

Meu nome é Elcione Queiroz Menezes, nasci em Aparecida do Taboado, em um sítio, em 18 de novembro de 1968. Minha mãe chama-se Teresa Queiroz de Menezes e eu pai João Vieira de Menezes. Minha mãe acho que é de Três Lagoas e meu pai era de Aparecida do Taboado. Nós somos em três irmãos. Atualmente morando em Paranaíba, eu trabalho como estilista, ou modista como algumas pessoas dizem. Mas quanto ao meu nome, eu amo ele, acho lindo, pra mim é tudo.

Figura 02: Elcione em seu atelier.



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Quando me ligam, as pessoas falam, eu quero falar com a Dona Elcione, então tanto é que hoje eu chego numa fila ou em algum lugar que chame pelo nome, eu não tenho mais constrangimento, ou quando me ligam dos bancos para oferecer cartão de créditos, eles chamam pela dona Elcione. E tinha gente que achava que era nome de guerra, e não é, sempre me perguntam se foi eu que escolhi esse nome pra usar e não, eu digo que esse é realmente o meu nome. Então as pessoas dizem, nossa, que nome diferente, achei que você tinha inventado. Então, agora sim, com o meu nome eu não tenho problema nenhum. Para mim é muito tranquilo.

Mas em relação ao sobrenome, eu quase não uso o Queiroz, porque eu já acho ele masculino, então eu sempre abrevio e uso apenas o Menezes, que eu acho mais bonito, acho chique e mais suave. Mesmo porque eu sei que o correto é que se use sempre o ultimo sobrenome quando vai abreviar, então ai deu certo também de sempre usar o Menezes, então sempre que eu vou abreviar o meu nome eu uso esse. Eu nasci em Aparecida do Taboado, em um sítio, em 18 de novembro de 1968. Minha mãe chama-se Teresa Queiroz de Menezes e eu pai João Vieira de Menezes. Minha mãe acho que é de Três Lagoas e meu pai era de Aparecida do Taboado. Nós somos em três irmãos, três homens.

2.2 Infância no Sítio: brincadeiras e simplicidade

Minha infância foi no sítio, foi maravilhosa, pensa na melhor fase da minha vida, foi no sítio, com muita pobreza, porque até meus 24 anos éramos muito pobres, aliás nem era pobreza, era miséria mesmo, só não passava fome porque morando em fazenda a gente nunca passa fome, mas passava muita vontade de comer algumas coisas. Mas pobre a gente continua sendo até hoje, mas na época a gente paupérrimo, muita dificuldade mesmo. A gente morava na propriedade de outra pessoa, mas meu pai trabalhava na fazenda do meu tio, em Aparecida do Taboado de carpinteiro, trabalhava fazendo curral e cercas. Depois que mudou pra cidade foi ser caminhoneiro e minha mãe sempre foi dona de casa, mas em uma época foi professora, já tem até aluno formado, ela foi professora de escola de fazenda.

Quando eu nasci, foi em um grupo, onde minha mãe era professora, na escola, porque antigamente a gente chamava de grupo, era uma escolinha, que tinha até uma salinha, acho que tinha até a quarta série. Inclusive, a minha vontade era de voltar aonde eu nasci, voltar lá depois de 40 anos. Lá eu morei até uns 3 ou 4 anos de idade, depois fomos para outro lugar, meu pai construiu uma casa, perto da casa da minha vó. Depois dessa época, eu mudei pra Paranaíba, para morar em outro sítio, eu tinha 4 anos de idade, na antiga fazenda do Daniel Martins Ferreira, lá eu fiquei até os meus 9 anos de idade, até 1978, era um sítio a 4 km da cidade.

O ambiente onde eu passei minha infância, no sítio, era uma casinha de pau-a-pique barreada com barro branco e de chão batido, coberta com aquelas telhas bem antigas, não me lembro o nome. A casa tinha dois quartos apenas. (Nesse momento recebemos a visita da mãe dela) Essa é minha mãe, mora aqui ao meu lado, na casa vizinha, fazemos companhia uma pra outra. Estou aqui contando a eles mãe, sobre quando a gente morava no sítio, em Aparecida do Taboado, sobre como era nossa casa e como a gente vivia naquela época. Então, sobre essa nossa antiga casa, a cozinha era um puxadinho com um fogão de lenha e o banheiro era do lado de fora, não tinha chuveiro, tinha uma água corrente que a gente enxia os baldes e tomava banho.

Sobre as brincadeiras era muito gostoso viver essa época, a melhor fase, quando chovia, a gente tomava banho de córrego, tinha muita fruta, só outras coisas que não tinham, mas fartura de alimento tinha, inclusive tínhamos uma vaca, que a gente tirava leite para a

nossa sobrevivência lá no sítio. Já íamos com o copo cheio de café e chegava lá no pasto e tomava o leite lá mesmo. Essa parte eu não contei, mas é interessante colocar, no sítio eu colocava os vestidos da minha mãe e desfilava, mas como se fosse uma brincadeira, eu fazia isso junto com a minha prima, a Marlene, que morava junto com a gente. Então era a única forma de colocar uma roupa feminina, era usando os vestidos da minha mãe.

Era uma época muito boa, eu era feliz, amava brincar de esconde-esconde a noite, e nessa época eu tinha uns 6 ou 7 anos, eu lembro que tinha um garoto que ia na fazenda que tirava leite, ele era um pouco maior, e nessas brincadeira ele tinha mania de esconder junto comigo, nessa escondidinha ele ficava comigo, não existia penetração, era aquela coisa de criança que “roça-roça”, mas eu acho que eu nem ele se dava conta do que acontecia, aí a gente ficava lá brincando, a gente demorava e depois aparecia.

Ainda sobre as brincadeiras, na minha infância brincávamos de brincadeira de fazenda mesmo, correr no pasto, bola de gude, peteca, esconde-esconde, passa-anel. Quando tinha lua cheia a gente ia dormir tarde, não tinha sono e a gente ficava correndo, juntava bastante gente e aí brincávamos de peteca. Essas outras pessoas eram parentes nossos, da minha vó, dos meus tios e da minha mãe. Eles brincavam comigo, não tanto pra eles, mas pra gente era uma alegria, eles traziam coisas da cidade, novidades que nós não tínhamos acesso. Tinha até um tio meu, que hoje é falecido, a gente via a caminhonete dele chegando, era uma caminhonete vermelha, a gente ia pra frente do portão de arame para recebe-los e ele chegava com a mão cheia de bombom e balinha e distribuía para a molecada. Ele era irmão da minha vó.

Quando fazia frio, tínhamos que dormir todos em uma cama só, porque não tínhamos cobertores ou roupas de frio. Quanto a alimentação, tínhamos sempre arroz, feijão, carne de porco toda gordurosa, isso tinha bastante, tudo era plantado no sítio mesmo e os animais que a gente criava. Era tudo natural nessa época. A minha vó, amassava arroz e milho, limpava arroz. Ela tinha um equipamento para fazer isso, ela tinha até um tear, muito bonito, hoje em dia já não acha mais. São tempos bons que não voltam mais. Hoje em dia eu fico muito junto com a minha mãe, a gente almoça juntas, tomamos café juntas. Aí em 1979 eu vim para a cidade e entrei na escola Manoel Garcia Leal. Quando viemos morar dentro da cidade, meu irmão mais velho estava com 11 anos de idade e meu outro irmão com 7, e em 79 nós nos mudamos para cá e fomos morar em uma serraria.

2.3 Infância e adolescência na cidade: primeiras experiências e dificuldades

Quando viemos morar dentro da cidade, em 1979, meu irmão mais velho estava com 11 anos de idade e meu outro irmão com 7. Nos mudados para cá e fomos morar em uma serraria. Meu pai era motorista desta serraria e nós morávamos num cômodo no fundo, numa casa de madeira. Morei lá mais ou menos de 18 a 20 anos, e teve o período que eu mudei depois em 1994 para o bairro Ipê Branco, eu fiquei lá até 2006, ai eu mudei pro lugar que é hoje.

Desde criança, quem cuidava da casa era eu, sempre tive essa vocação para cuidar de casa, aliás eu nunca cozinhei, mas penso que eu seria uma boa cozinheira, porque quando eu ajudava minha mãe a cozinhar, a gente fazia bolo de sal, bolo gelado, bolo de chocolate e ficavam perfeitos. Lembro que a primeira vez que eu fui fazer um bolo de chocolate sozinha, ficou muito amargo, mas é a prática né. Com o tempo eu fui aprendendo. E quando eu tive que ir trabalhar fora o meu tempo era muito limitado, não dava pra fazer as coisas que eu gosto. Por exemplo, eu não gosto do que eu faço, eu não gosto de costurar, eu até gosto de fazer faxina na minha casa mexer com essas coisas de casa, mas de costurar eu não gosto.

Meu primeiro trabalho, ali eu enfrentei um preconceito muito grande, foi muita humilhação, teve coisas que eu nem tenho coragem de contar aqui, de dente estragado, de não ter roupa, de tudo gente, ali que eu fui muito humilhada na minha vida, trabalhando já, com adultos, de a pessoa ver que a gente é humilde e não ter um pingão de consideração e te humilhar a frente de todo mundo, além de ser gay né eu ainda era humilhada por ser muito pobre. Eu comecei a estudar e dali uns dois anos eu comecei a trabalhar, com 11 anos, minha mãe me colocou pra trabalhar na alfaiataria, do alfaiate Pablo, era o apelido dele, o nome era C.A., acho que é daqui de Paranaíba mesmo, porque até hoje ele mora aqui. A alfaiataria era ali em frente a Pernabucanas, há mais ou menos trinta e poucos anos atrás. Um dia, voltando da escola, depois do almoço, ela me levou lá nessa alfaiataria e disse assim: - Você agora vai trabalhar aqui. Eu fiquei desesperada, corri atrás dela e pedi pra ela que eu não queria trabalhar lá, e ela disse: - Não, mas você tem que ficar aqui, tem que trabalhar. Aí aquilo pra mim foi a morte, eu fiquei a tarde inteira tendo que passar as roupas, porque as clientes iam lá e tinham que experimentar.

Aquilo pra mim foi realmente a morte, porque eu sempre ficava em casa a tarde inteira e a gente gostava de assistir à tarde a novela Cabocla, que estava sendo reprisada no Vale a Pena Ver de Novo, com a Glória Pires e Fábio Junior. Eu era apaixonada naquela novela, eu e minha mãe. Nossa, eu lembro de quando eu estava lá na alfaiataria, a tarde não passava e a vizinha do lado ficava assistindo a novela. Isso pra mim era uma morte, uma tortura, eu deixar de ter aquela mordomia de poder ficar em casa, assistindo televisão, novela e desenhos, e estar lá trabalhando.

Então eu comecei a fazer barra de calça, pregar botão, fui aprendendo a fazer algumas coisas básicas. Ai eu saía pra buscar almoço pro meu patrão, e ia em um bar que às vezes eu ia lá buscar água e fazer uma faxina de vez em quando, no começo ele não me pagava, dava só uma gorjeta, o primeiro pagamento pra mim foi uma “gorjetinha”, nossa eu fiquei pulando de alegria. Cheguei em casa e fui correndo contar pra minha mãe, era pouquinho, mas eu lembro que fiquei muito feliz.

Depois de um tempo eu senti que queria trabalhar. Ai eu mudei de trabalho e fui trabalhar em um lugar que era em frente a Ameriquímica, descontente porque eu já não gostava do que eu fazia mesmo, mas sabia que tinha que fazer. Lá eu aprendi a costurar, fazer calça, porque eu tinha uma máquina pra eu costurar, com mais ou menos 13 ou 14 anos. Ai eu saí de lá porque eu não gostava. Ai eu comecei a ficar desempregada, então fui fazer entrega, algumas cobranças, para um supermercado, passei um tempo trabalhando de cobrador e recebendo notinhas, trabalhei na prefeitura recebendo IPTU.

Tive alguns empregos, depois foi então que eu fui trabalhar em uma veterinária, chamava-se Veterinária Paranaíba na época, lá também eu comecei do nada, era chamada de “badeca”, pra fazer faxina e carregar ração e serviços de rua. Lá eu fiquei quase dois anos, mas logo eu completei 16 anos e aflorou uma mulher dentro de mim, eu já não aguentava mais, eu ia fazer uma entrega, ai já falavam que eu era gay, e dentro do meu ambiente de trabalho, os meus colegas ficavam me zoando e falando que eu era gay. Aí quando eu ia no depósito, arrumando e organizando mercadorias, ele chegavam e ficavam comigo. Eu lembro que tiveram dois que tentaram ficar comigo, mas pela falta de prática, não virou nada. Mas ai foi pior, porque já sabiam que eu era gay, os assédios começaram a aumentar, os olhares para o meu corpo.

Voltando a época da alfaiataria, tinha um rapaz, conhecido como João Alfaiate e em um dia ele me deu quatro calças jeans, eu nunca tinha usado uma calça jeans na minha vida e

quando eu ganhei as calças jeans, pra mim foi um luxo. Porque eu via nas lojas mas não tinha condição de comprar. E sempre eu ia trabalhar com essas calças jeans. E eu sempre ia com um calçado muito velho e estragado e eu costumava trabalhar com os dois pés apoiados no chão. Um dia eu me esqueci e mudei para uma posição em que a sola do meu pé ficou visível e ele viu que debaixo do meu pé estava cheio de bloquinhos de rua, pedrinhas, porque meu calçado não tinha sola e eu colocava um papelão para tampar o buraco do calçado e não machucar o meu pé diretamente. Mesmo porque não tinha outro calçado e nem condição de comprar um. Depois que ele viu, falou que ficou com dó de mim, só que não deu outro nem nada, tinha dado só as calças mesmo.

E como a gente era muito humilde, não tomava banho direito, eu tinha odores na minha axila e então ele começou a me dizer que não dava pra trabalhar perto de mim, porque eu estava cheirando mal, que eu tinha que tomar banho, foi muito humilhante ter que ouvir aquilo tudo, você não tem ideia de quanta humilhação.

Quando eu comecei a trabalhar e estudar, eu não tinha instrução, que isso poderia me prejudicar, nem minha mãe falava “vai tomar um banho, pra você ir trabalhar”, ou tipo “toma um banho direito pra tirar o suor antes de ir pro trabalho”. E também não tinha tempo, eu chegava da escola, mal comia um arroz com feijão e ovo e já ia trabalhar, nem comia direito era muito corrido, chegava lá faminta, quando eu ia buscar o almoço pro meu patrão, lá da alfaiataria, a mulher ficava com dó de mim e dava uma sacolinha com bolacha pra eu comer, era meu almoço, eu adorava, mas tinha dia que ela não dava, e mandava só a marmita pro meu patrão, aí eu entregava pra ele e ele ia almoçar, aquela comida cheirosa e eu morrendo de fome.

Desde que criancinha, que eu me entendo por gente, eu já tinha interesse por homens, então já foram acontecendo esses fatos, com os amiguinhos da minha idade, eu tive um caso até com um primo meu, que eu não posso nem dizer o nome e esse durou até os meus dezoito anos, tinha a minha idade, era criança quando começou.

Mas olha a minha história, quando eu mudei pra serraria, os funcionários da serraria também ficavam comigo, eu era terrível, eu lembro que a primeira relação que eu tive com um homem mais velho foi com um colega de trabalho do meu pai, era um senhor, que morava sozinho, e eu ia na casa dele a noite e a gente ficou, eu tinha acho que uns dez anos e eu cheguei a ter relação de verdade com ele, na época ele tinha uns 45 anos, já era um senhor, foi

quando rolou penetração, eu tinha medo da dor, mas foi acontecendo devagarinho e quando vi foi tudo, o pênis dele era pequeno, então doeu menos.

Eu lembro de quando eu já tinha 14 anos, na exposição, eu fui um dia à noite e tinha uns homens trabalhando na montagem, vários homens, e eu passava muito lá em frente, um deles me chamou, pra gente ficar no mato, dessa vez eu senti muita dor, sangrou, foi terrível, eu não me senti à vontade. Foi que eu fui começando a me assumir, meu pai sempre me xingava, aliás ele nunca aceitou a minha opção, nem gosto do meu pai, acho que desde de criancinha ele me corrigia perto dos outros, falava pra mim: “para de rebolar menino”, e eu nem sabia como era rebolar, nunca aceitou o meu jeito, quando ele estava perto de mim ele sempre me reprimia, nunca me deu carinho.

Depois que eu me assumi, meu irmão mais velho falava as coisas pra mim, dizia que tinha vergonha de mim, porque os amigos dele falavam que ele tinha um irmão “viado”, que eu não podia tocar nele porque poderia dar doença nele, nossa, foi uma fase muito difícil, aí foi isso, a minha mãe ficava na dela, ela não falava nada, nem que sim e nem que não, não me apoiou mas também nunca me discriminou, foi uma mãe perfeita e amorosa.

Em 1984 eu comecei a trabalhar em uma veterinária. Inclusive, quando eu comecei a trabalhar, meus dentes era todos podres, o dono da veterinária viu e disse que eu tinha que tratar do meu dente, então ele pagou e eu fui em um dentista. O dentista falou que não tinha jeito, que ia ter que arrancar mesmo. No outro dia, tive que voltar pro trabalho, eu estava sem os dois dentes na frente, então fiquei ouvindo piadinha. Foi muito sofrido, porque eu tinha que fazer trabalho de banco, na rua e tudo, não pelo preconceito de ser gay, mas pela minha aparência, tentei colocar um aparelho na época, mas todo mundo que olhava percebia a falha no dente, era muito feio, eu me senti muito mal.

2.4 Escolarização

No meu primeiro dia de aula, minha mãe nos levou, fomos os três, entramos todos no primeiro ano, e tipo assim, meu irmão, o mais velho, ele é surdo, ele tem deficiência auditiva, então minha mãe fez de tudo pra que ficássemos juntos na mesma sala, foi meio complicado

mas ela conseguiu, aí eu ficava junto com ele, auxiliava ele em sala de aula. Meu outro irmão ficou no período da tarde, na mesma escola, a Manoel Garcia Leal.

Figura 03: Caderneta Escolar



Figura 04: Caderneta escolar (boletim)

Notas e Falhas					Bimestrais					
DISCIPLINAS	1.º Bimestre		2.º Bimestre		3.º Bimestre	4.º Bimestre		MÉD	MÉD	
	N	F	N	F		N	F			
NÚCLEO COMUM E ART. 7.º LEI 5672 CIÊNCIAS COM F. EXP.	L. Portug.	7.0	01	8.5	4	6.5	4	5.0	6	6.5
	L. E. Inglês	7.5	-	7.0	1	4.5	1	9.5	1	-
	Ed. Artist.									
	Ed. Física	9.5	01	6.5	-	8.0	-	8.0	-	8.0
	História	9.0	-	9.5	-	4.0	1	8.0	-	9.0
	Geografia	6.5	-	9.0	-	9.0	-	7.5	-	5.0
	O. S. P. B.	7.0	01	6.5	-	8.0	-	9.5	1	7.5
	E. M. C.									
	Ens. Relig.	7.0	-	6.5	-	8.0	-	8.0	-	-
	Ciën. F. e B	7.0	-	6.5	-	8.5	-	10.0	-	5.0
FORM. ESPECIAL	Pr. Saúde	8.0	-	7.5	-	7.0	-	5.5	-	7.0
	Mat. Des.	5.5	-	7.5	-	7.5	-	10.0	2	7.5
	87.00m	8.5	-	8.0	-	6.5	1	5.0	-	-

(Fonte: Acervo da entrevistada)

Nessa época a escola tinha completado o seu primeiro ano de inauguração, olha quanto tempo faz isso?!. E lá eu fiz o primeiro ano com a professora Maria Helena, ela foi esposa de alguém da Matecsul. Para mim foi tudo novidade, né. O ambiente da escola era mais ou menos como eu vejo na televisão que deve ser nos dias de hoje, carteiras normais, individuais, mas eu lembro que embaixo tinha uma proteção de ferro para gente guardar objetos e materiais.

Na época eu me senti à vontade na escola Manoel Garcia, a gente era humilde, na verdade era todo mundo muito humilde, tipo assim, hoje em dia, todas as pessoas ainda tem uma ajuda do governo, ou alguém que ajude, naquela época não tinha não, não tinha auxílio do governo, então todo mundo era humilde, se a gente ia com um chinelinho da “Hawaiana” ou até um conguinha, porque na época a gente usava conga, mas já chegou época de que nem chinelo não tinha, a gente andava descalço e mal vestido, minha mãe ganhava as roupas que a gente vestia, então às vezes tinha que costurar, mas minha mãe não tinha prática, ela costurava do jeito dela, por exemplo, se ela ia fazer uma calça, ela costurava com linha branca um tecido preto, então usávamos roupas de flanela e tergal.

Quem cortava o nosso cabelo era minha mãe também, e ela não tinha prática pra mexer com cabelo, aí ficava tudo cheio de “ninhos de rato” no cabelo, aí virava piadinha também. A gente também não tinha mochila, levávamos nossos materiais em uma bolsa de plástico transparente, o povo via e falava, lá vai os bobinhos de fazenda. Eu sentia mais bullying por ser pobre do que por ser afeminado. Então assim, na escola, eu enfrentei esse tipo de problema né, usava roupas muito simples, não tinha mochila, e também era um pouco afeminado.

Sobre a escola eu lembro que eu sofri bullying devido ao meu nome, tipo assim né, eu falava pouco, os meninos me zoavam dizendo que eu tinha nome de mulher, sempre que tinha essas coisas de apresentação, no começo do ano de aula, não sei como é hoje, mas a professora perguntava meu nome e quando eu falava, já virava a piadinha o tempo inteiro, até aconteceu uma vez de ela errar e pôr o meu nome junto do nome das meninas, na época separava para fazer a chamada e ela não sabia e colocava meu nome entre o das meninas e começavam as piadinhas, né época eu me vestia como homem né, pra não aumentar mais as piadinhas em sala de aula.

Aconteceu um dia também de uma professora entrar na sala e perguntar o nome dos alunos um por um, quando falei o meu ela me deu uma olhadinha assim, sabe, mas não disse

nada, eu morria de trauma dessas situações, era só falar o meu nome e o resto da sala começava a dar risada. Ai então eu não tinha liberdade, de na hora do intervalo, ficar na fila pra tomar uma água, ir ao banheiro principalmente e na fila pra pegar o lanche.

Quando tinha aula de educação física, por exemplo, eu odiava, era gostoso quando tinha vôlei, mas quando os meninos tinham que praticar o treino esportivo de futebol, eu faltava, geralmente eu já mostrava para os professores que eu não gostava, mas as vezes não tinha como fugir, ai tinha que jogar, eu não curtia. E quando era pra dividir os times, ai tinha que jogar os sem camisa e com camisa, e quando eu era pra eu jogar sem camisa, meu Deus do céu...eu tinha muita vergonha de tirar a camisa, não tinha peito, não tinha nada, mas eu morria de vergonha de tirar a camisa, era corpo de menino, mas eu tinha vergonha. Mas quanto ao meu nome, eu amo ele, acho lindo, pra mim é tudo.

2.5 Da Adolescência à Fase Adulta: um sopro de liberdade

Morei lá no fundo da serraria mais ou menos de 18 a 20 anos, então eu mudei depois em 1994 para o bairro Ipê Branco, eu fiquei lá até 2006, ai eu mudei pro lugar que é hoje. Eu me mudei para o Ypê Branco quando eu tinha 24 anos. E eu me lembro que foi a primeira festa de aniversário que eu tive, que foi quando eu tive condições de bancar, porque meus pais não tinham condições de bancar uma festa de aniversário para nenhum dos filhos.

Na época eu já trabalhava de auxiliar de costura, tinha uma costureira, em 94, eu trabalhava para ela de auxiliar.

Figura 05: Atelier



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Então, eu tenho as fotos registradas, da minha primeira festa de aniversário eu fiz com o meu dinheiro, mas foi a coisa mais triste, os meus 24 anos, apenas ganhei o bolo, porque o pessoal que estava lá me presenteou, eu tinha tomado umas cervejas, aí uma convidada falou pra outra animar e levar pra conversar e ela ficou lá me enrolando, enquanto isso eles arrumaram o bolo e depois quando cheguei estava o bolo na mesa, com toda aquela decoração, aquelas flores naturais em cima da mesa, aí eu cheguei e já fiquei até sem graça né, fiquei nervosa, porque eu estava de chinelo não tinha me arrumado. E isso ficou na minha lembrança, éramos muito humildes, eu nunca tinha tido um bolo com uma festa, portanto que meus pais nunca tiveram condições de me fazer um aniversário de nada para mim, estranho né?!

Na mesma época, eu lembro que quando eu saía arrumadinha, os caras me olhavam e falavam: “ah, você é homem olha a barba né”. Hoje graças a Deus já não tenho esse problema com os pelos. Na verdade eu não ligo, no restante do corpo, só quando é no rosto. Tipo assim, eu tinha uma amiga e quando a gente ia sair ela falava: “Ai Elcione, você está até azul hoje. Ela falava desse jeito pra me provocar, porque eu tirava os pêlos do rosto, mas não dava, mesmo passando maquiagem sempre ficava. Só se eu passasse aquela maquiagem de dragqueen, uma massa corrida não é? Eu até brinco que eu passava maquiagem era no rosto mesmo, porque aparecia muito e eu tinha tipo um cavanhaque.

Eu fazia com cera mas direto estava nascendo, eu fazia todo dia com a pinça e ia machucando a pele. E agora não nasce mais, tipo assim, tem só aqueles pelinhos brancos, porque o tratamento mata os pêlos, mas esses nascem e eles não aparecem mas são pontudos e

tem que eliminar com a pinça. Se eu for beijar um bofinho e tiver com esse pêlo branco, incomoda muito mais que um pelo normal, um pelo preto. A primeira vez eu fiz a depilação a laser, foi em Campo Grande, mas aqui em Fernandópolis já tem. A mesma médica traz o aparelho, aliás, não seria bem uma médica, é tipo uma esteticista. E faz também em Fernandópolis. Eu concluí o tratamento, ficou ótimo, não nasce mais nada.

É uma coisa que a gente tem que colocar neste trabalho, porque tem gays e travestis que iniciam a vida assim sabe? Eles desde cedo, já sabem o que querem ser com doze ou treze anos e já começam a tomar os hormônios. Os hormônios ajudam, desde então eles já procuram uma clínica pra eliminar os pelos. Quando é assim, o tratamento é mais fácil. E por outro lado, tem gente que há um tempo atrás, devido o preconceito, que assim como eu, demorava pra assumir, pois no meu caso, já tinha corpo de homem, já formado, quando eu comecei a tomar hormônio. Na verdade eu comecei a tomar hormônio porque achava bonitinho, eu estava quase com 16 anos e lembro que quando começou a nascer peitinho em mim, o meu pai e minha mãe tudo perceberam, então eu tive que me esconder. Comecei a ficar até meio corcunda, porque eu tinha vergonha. E cada dia crescia mais. Minhas camisas eram sempre com dois bolsos, um de cada lado, porque eu estava sempre tentando me esconder. Eu nunca tirei a roupa perto de alguém, porque dava pra ver meus mamilos, já eram bem formados.

Aos 24 anos, foi a primeira vez que usei uma calcinha e uma meia calça feminina. E depois acabei comprando outras calcinhas, achei o máximo! Mas sempre tudo escondido, minhas roupas eram todas escondidas. Então depois dos mais 24 anos eu separei uma casa, mudei lá pro Ypê Branco, fui morar sozinha. Lá eu aflori a mulher dentro de mim, mas como eu ia na casa dos meus pais sempre, eu tinha que ir com uma roupa mais larga. Mas assim, eu lembro que quando eu estava toda montada, no sentido de estar com uma roupa mais afeminada, aí encontrava um primo ou uma tia, tinha que sair correndo, de medo de comentarem com meu pai e minha mãe. Mas chegou uma hora que não tinha mais como esconder e também eles já sabiam. Sabiam tudo! Foi então que eu já começava a aparecer com meus namoradinhos na casa deles, alguns iam só me buscar.

Pra falar a verdade, acho que eu nunca fui correspondida amorosamente, eu não fui feliz no amor, mas eu já tive vários amores platônicos, da minha parte, mas nunca correspondido. Tipo assim, com 16 anos eu gostei de um vizinho meu, ele passava, dentro de uma perua. Nossa, eu ligava pra ele, mas nunca deu moral pra mim, eu sei que até corria de

mim sabe? Nós não tivemos nada. Depois me envolvi com um homem casado, foi um lance muito bom, bem gostoso. Ele ia na casa da minha mãe me buscar, ficava junto, me esperava tomar banho. Minha mãe ficava preocupada, ela dizia assim: “esse rapaz chega, você vai pro banheiro se arrumar e sai”.

Ele sempre ficava lá na porta me esperando, na porta assim, a gente morava na serralheria e ele ficava pra dentro do portão e naquele espaço do pátio ele ficava me esperando. Ai ele me pegava, nós íamos pra um motel. Eu estava gostando demais desse rapaz, casado, foi indo a gente se envolveu do tanto que ele pegou tanto no meu pé, que comecei a realmente gostar dele. Ele gostava de mim, me dava atenção, direto me procurando, me ligando. Ligava no meu trabalho. Sempre vinha atrás de mim, lembro que na época eu tinha uma Mobilete e passava na rua e ele vinha me seguindo, andando atrás de mim. Ele ia até na minha casa, marcava horário, parava a moto dele aqui na porta e foi tanto que a mulher dele descobriu. Foi então que a mulher largou dele.

Figura 06: Elcione em sua mobilete



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Na época do acontecido, a segunda namorada dele também descobriu, uma vez quando estava saindo da Igreja Católica, indo pra casa ela me parou, não lembro o nome dela, só que foi muito educada, estava ela e a irmã dela e foi muito gentil comigo. Então ela perguntou se eu tinha caso com o namorado dela, acho que tinha até uma filha com ele na época, eu menti. Era muito boba, hoje em dia eu não minto mais não. Mas na época, assumi que nós tínhamos

um caso, mas muitas perguntas que ela fez para mim eu omiti, como quando ela perguntava se a gente beijava na boca eu dizia que não, mas acho que eu devia ter falado tudo, arrasar a família dela. Mas eu tinha medo, era bobinha ainda, tipo adolescente, 24 anos. Depois ele se envolveu com uma outra mulher, hoje em dia está até com essa mulher.

Aí depois eu namorei com outro rapaz, o Jânio, fiquei três meses namorando com ele, no começo eu gostava dele, mas depois começou a me extorquir, começou a ficar folgado, não trabalhava. Ele morava com a mãe e os irmãos. Aí depois eu fiquei nesses lances, pode-se dizer que nessa época dos meus 24 anos foi de galinhagem. Eu me lembro de uma história, lá no Ypê Branco, que desceu uma caminhonete com oito garotos e isso era de madrugada, já era acostumada, quando eu vi, foi descendo aquele monte de garotos, aí eu disse: “ah, eu não dou conta de todo mundo não, vai ter que fazer um rodízio”, eles deram várias voltas e sempre descia um, não os vi mais aqui na cidade.

Figura 07: Elcione quando já estava morando em sua casa no Ipê Branco



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Com 29 anos eu encontrei o amor da minha vida, foi um amor platônico. Ele morava aqui no bairro de Lurdes e foi bem na inauguração da praça da Iacal. Ele veio com os amigos dele, estava tocando num barzinho aqui, era um fervo na época, Eu olhei e pensei “nossa que rapaz lindo” e dei um grito. As meninas falaram: “o que foi?” Aí eu falei que ele era muito lindo, ele é de Paranaíba, um deus grego. É amigo de um rapaz que eu conhecia, que me levou na sua casa pra fazer uma festinha, mas pra mim era impossível ficar com aquele rapaz.

Aí no dia 30 de abril era feriado no dia seguinte, do dia primeiro de maio. Aí eu estou lá trabalhando e chegou o Vagner cabeleireiro, até falecido hoje em dia, falou para eu adivinhar quem estava junto, era o Roger, eu olhei e quase morri, aquele homem era lindo. Um Deus grego, tinha dentes brancos e cavanhaque. Então eu dei um sorriso pra ele e foi assim, aquela química entre a gente, pelo amor de Deus todo mundo morria de inveja, mas rolou. Posso dizer que esse foi meu primeiro namorado, que me correspondeu, sabe? Ele me beijou na frente de todo mundo e eu nunca tinha passado por essa situação. Então o Vagner fez carne de panela e ele colocou a carne do prato e da boca dele ele na minha boca, aquela coisa linda. Ai eu bebi muito, a gente nem teve relação. No dia seguinte, eu falei pra minha amiga que a gente não teve relação, mas eu sentia aquele negócio dentro de mim e dois dias depois teve outra reunião lá em casa e ele não foi, pra mim foi como se tivesse morrido, quando você gosta da pessoa você sente aquela angustia e ansiedade, queria que ele estivesse ali.

Não estava nada bom, o medo dele nunca ir lá em casa, ai ficou que uma semana depois teve uma festinha e ele foi, foi lindo ele me pegava nos braços, ficava me carregando, me tratava assim. Ele é de Paranaíba, ai começou, ai depois já foi tendo comentário, o irmão dele foi lá nessa festa viu tudo, saiu comentando, ai ele falou comigo que se a gente continuar ficando vai ficar só entre eu e você. Eu não vou mas participar de festa, mas pra mim foi ótimo, eu gostei.

Aí eu fui isolando dos meus amigos e a minha vida era dedicada a ele, ai foi indo e depois de um ano ele resolveu ficar com uma garota. Eu cheguei atrás, mas eu não tinha moto, ia de mototaxista e via ele com ela aqui e ali. Ai ele me ligava e eu tratava normalmente porque queria ficar perto dele, sentir o cheiro dele, ele nem me beijava mais, eu ia beijar ele, e ele dizia nunca vi beijar na boca de homem. Na época, ele tinha 17 anos e eu 25. Então ele me abandonou dois ou três anos depois, quando a gente terminou eu fui até a mulher e contei tudinho, até quando a gente estava junto e ele estava com ela, ai ela foi na casa dele na Cohab

e quebrou todos os vidro do quarto dele. Ai ele ligou pra mim a cobrar e me xingou e disse que era pra eu deixá-lo em paz, ai no outro dia eu liguei ele desligou na minha casa.

Dali há um ano depois ele começou a me ligar a cobrar, ai aquela coisa que sentia antigamente eu achei que tinha superado, mas não tinha superado ainda não, aí a gente começou mas não é mais a mesma coisa. Ai Deus é tão bom que tinha um mototaxista que eu andava sempre e ele começou a me dar carinho e atenção, só que dizia que era evangélico, teve um dia que ele chegou lá em casa ereto, então ele sentia tesão em mim, só que quando eu provocava e ele dizia que era crente. Ai no carnaval eu liguei e ele me pegou, sem ele perceber eu sentei e grudei na parte intima dele e estava duríssima, ai ele tentou tirar mas deixou, ai eu lembro que ele passou ali na prefeitura, foi retinho aí lá na frente da prefeitura ele deixou aí rolou, aí lá na frente de casa não vai entrar, ai aconteceu eu pensava que não ia acontecer, mas depois várias vezes viajamos pra Santa fé do Sul, Araçatuba, de moto. Ele me ajudou a esquecer o outro, todo mundo sabia que a gente ficava, a gente andava junto, ai depois que a gente ficou a primeira vez aí foi rápido, e acontecia direto.

Lá no Ipê Branco em 2005 foi uma fase boa também, eu estava sozinha, ai eu tinha uma comadre e a gente saía junto. Eu era muito bonita de corpo, fazíamos sucesso. Eu lembro que ela passou na minha casa e saiu pra comprar um remédio, ai chegando no posto Daniel chegou um peãozinho com o corpo definidinho e piscou pra mim, eu falei “nossa que delicia”, pois eu achava que era impossível ficar com ele. Aí nós fomos no rodeio e chegando a Marcia parou e passou uma moto era o rapaz, eu dei a mão, aí eu falei segue a gente e ele seguiu. Chegando lá minha amiga me deixou e ele parou, não queria entrar mas eu falei vamos, aí ele falou, sua amiga é igual a você, é, então ele acabou entrando, depois que ele entrou eu fechei porta e falei “agora esse boy é por minha conta né”. Dei cerveja, me montei, coloquei uma blusa preta, um fio dental e fui pra cima dele, pensa uma noite maravilhosa. Deu certo, uma química, no outro dia não conseguia pensar outra coisa, igual ao outro rapaz e depois sumiu.

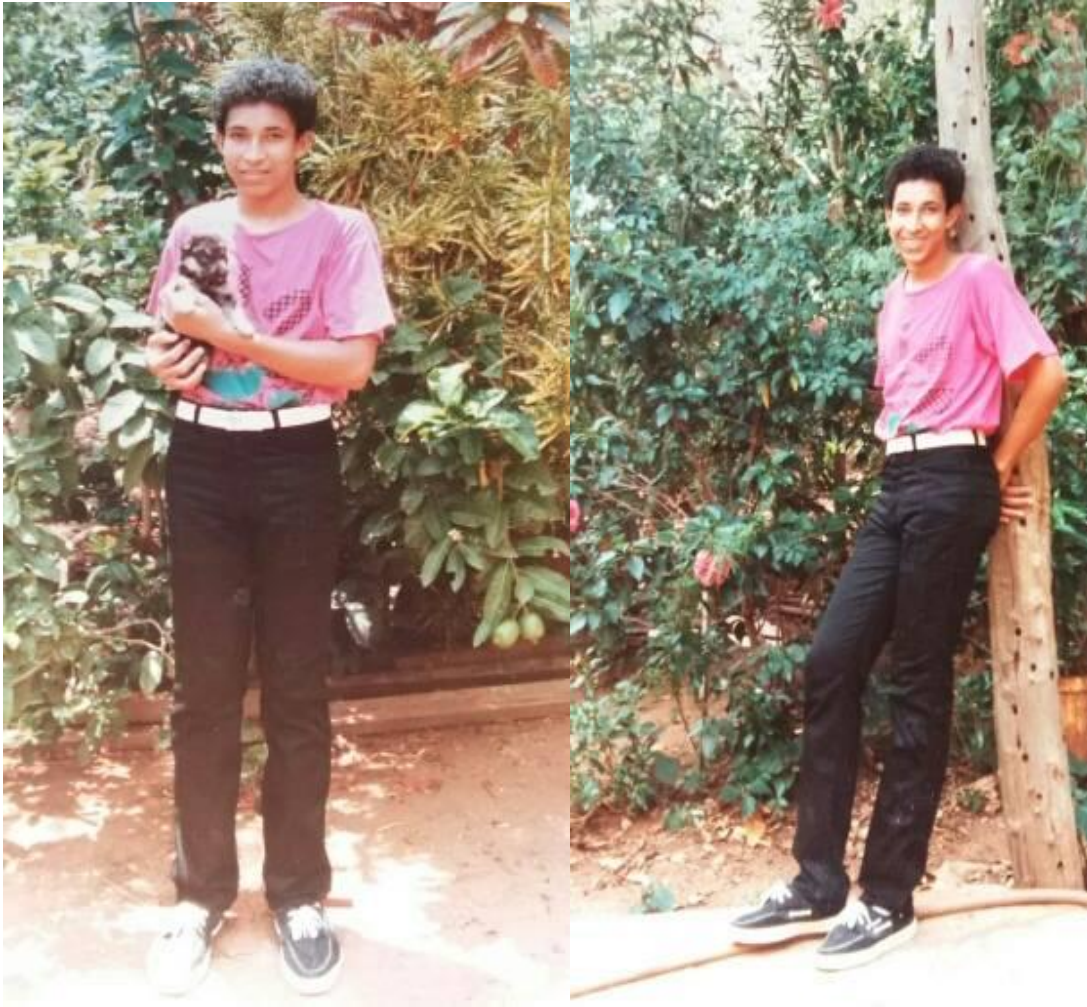
Em 2005 eu estava voltando da casa da minha mãe e um rapaz de moto começou a me seguir e não falava nada, ai eu perguntei o que foi ai ele conversou, eu convidei ele entrou, foi uma química, foi maravilhoso. Aí eu sai e falei para ele que meu namorado não estava aqui. Então ele falou então monta ai e vamos numa quebrada ai liguei pro namorado e falei vou ali num amigo meu, ai montei na moto ai nós fomos perto da APAE e ficamos, eu só consegui sexo oral mas relação não. Meu namorado no outro dia levou a moto pra mim. A nossa briga

foi mais porque eu estava aqui com um estorvo que não dava nada pra mim, eu lembro que ele estava aqui ai o outro rapaz veio me buscou, quando eu cheguei aqui ele estava numa festa.

E bem depois ele me ligou, e eu falei que aquele dia não daria certo, outro dia de briga, aí já foi ele quis a moto e eu não quis dar e quis 10,00 pra comprar paradinha e eu não quis dar. Aí ele queria pegar a direção eu não deixei, foi pra cima de mim com um facão, ai eu liguei pra polícia ele pegou a bicicleta do Jonas e saiu, ele veio aqui que foi o dia que teve a briga que ele me empurrou, até que quebrei o dente. Ai no outro dia ele deitou dormir, quando chegou, pulou o muro deixou a bicicleta, tomou banho e dormindo ai quando eu falei pra ele ir embora, ai falou que ia me levar na justiça, que tinha direito aqui. Mas não tem nada pra provar tem que morar pelo menos dois anos juntos, ele ficou uns seis meses dando trabalho, lá na cidade e tudo, mas ele sumiu, foi onde eu fui ver ele esses dias agora, de vez em quando me procurava mas hoje estou com namorado de vinte anos, na época ele tinha dezenove.

Sobre as fotos então, quando eu era criança não tenho fotos de criança só tem uma única com a mamadeira que sai correndo de tão tímida que eu era corri. Apareceu eu e um cachorro, mas não tenho essa foto comigo já procurei e não encontrei. Tipo assim, eu sou de origem muito humilde então não tinha costume de tirar foto de em aniversario de criança, me lembro que umas primeiras fotos que eu fui tirar já era adolescente que eu mesma contratei um fotografo e foi até nossa casa e tirou fotos e assim, lembro de mim que tem algumas fotos na exposição que minha mãe levou e essas fotos também não estão comigo deve estar com minha mãe.

Figura 08: As primeiras fotos que Elcione tirou em Paranaíba.



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Vocês vão morrer de medo foram as primeiras eu que tirei, a também tem do meu aniversário, mas foi bem depois. Ai essa bonita nessa época se chamasse de bonito eu brigava, eu já estava a florando.

Figura 09: Já morando no Ipê Branco



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Essa ai é onde a gente morava em uma Serraria por isso eu tenho a mania de criar galinha, cachorro. Essas foram as primeiras fotos que eu lembro de tirar. Esse aqui é o quando eu mudei do sitio pra cá.

Figura 10: Esta foto foi tirada quando viemos morar em Paranaíba, na casa do fundo da Serraria



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Essa eu já era assumido, só não era transex foi um show que fizemos e teve um concurso, primeiro concurso gay em Paranaíba. Até tiveram outros concursos, só que não ganhei. Eu sei que até dublei I Will Survive. Eu tinha um corpo que olha meu Deus, mas assim coisinha de bichinha, sem maquiagem, na época não tinha nem orelha furada.

Figura 11: Concurso Miss Gay, em Paranaíba (MS)



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Eu gostava de participar das algumas reuniões de gays, muitos deles já morreram, tinha o Marcio um ótimo cozinheiro. No momento aqui em Paranaíba ele é o mais antigo, lembro quando eu assumi ele tinha uns 25 anos, ele rebolava, gente eles usavam tanta maquiagem, eu achava que era para teatro, mas achava bonito.

Essa foi um show que teve aqui em 2008 no carnaval. Olha eu não tinha costume, todo mundo foi a atração do carnaval fizemos tanto sucesso que chamara para subir no palco, nós cantamos, para descer teve ter segurança porque o povo juntou assim. Foi o sucesso.

Figura 12: Em sua casa, em 2008, se arrumando para ir ao Carnaval



(Fonte: Acervo da entrevistada)

Figura 13: Em sua casa, em 2008, se arrumando para ir ao Carnaval



(Fonte: Acervo da entrevistada)

A minha cara ficou de Drag Queen, foi um desfile que participei Miss Gay. Foi em 1999 ou 2000, tem uma foto que eu estou assim, aqui está toda bicharada. Na época o povo não curtia, mas os meninos jogavam as coisas, queria beijar nossa boca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar a história oral, eu pude viabilizar essa pesquisa de um modo que valorizasse as falas e histórias da minha entrevistada. É uma metodologia que releva a importância de se olhar o ser humano em sua essência, considerar as suas vivências, suas memórias e sempre mantendo o devido respeito com as questões legais, consultando o depoente sobre o que deve ou não ser colocado, bem como foi feito. No momento das entrevistas, eu percebi que as memórias iam surgindo, não de maneira cronológica, mas com a lembrança do sentimento que ela teve em alguns fatos, como se cada sentimento guardasse vários tipos de memórias e com muitos detalhes. Pois quando falava de momentos felizes, por exemplo, ela relacionava a alguns eventos da infância, da primeira festa de aniversário aos 24 anos e dos momentos de que quando foi morar sozinha no Ipê Branco. O mesmo ocorreu quando a Elcione falou sobre momentos de tristeza, dificuldades e humilhações.

Entre os objetivos deste trabalho, o principal centrava-se em ouvir e registrar as vivências e as percepções da entrevistada, a estilista Elcione Menezes, a qual nos recebeu com muito carinho em sua casa e nos confiou várias de suas vivências. Ao final deste trabalho, pode-se constatar que as histórias de vida dos indivíduos, vai muito além de dados e números, é preciso um olhar mais ficado para que se possa haver uma humanização. Com esta pesquisa, eu pude perceber que é preciso olhar o outro afundo, e não se deixar pelo que parece ser. Desde a época da escola, Elcione destacou por várias vezes, as dificuldades que alguns alunos enfrentam todos os dias, o preconceito, as piadinhas, os abusos e a angústia que fica depois de tudo isso. Sobre as limitações espaciais de uma criança que em sua inocência, evita de ir ao banheiro, tomar água ou mesmo a fila do lanche, por não ter a sua liberdade de ir e vir sendo respeitada por todos.

Durante a sua infância, ela relatou com naturalidade, os namoros que manteve com homens. Em suas memórias, ela traz uma maneira diferente de contar suas experiências de vida na infância e no tempo de escola e sua passagem da adolescência para a vida adulta. Tendo que trabalhar desde cedo para ajudar em casa, ela sente que teve a sua liberdade apenas quando foi morar sozinha, quando tinha 24 anos. Muito além de uma liberdade de ir e vir, mas sim uma liberdade de poder sentir e realizar, desejos muito antes reprimidos, como o de usar pela primeira vez uma calcinha, ou meia-calça, maquiagem e até de poder usar roupas femininas, as quais ela mesma produz.

A metodologia da história oral, nos permite diferentes possibilidades de estudo, uma delas é a de poder reconstruir o passado, por meio da memória, em seus relatos, Elcione cita traços da história de Paranaíba, que por volta de vinte anos atrás, promovia o concurso de Miss Gay, o qual a entrevistada afirma ter participado com várias apresentações, organizados pelos próprios homossexuais paranaibenses.

Contudo, não pode ser finalizada, pois há um compromisso em que se haja interpretações, reflexões, para que se possa ter essas lembranças e recordações registradas em documentos que assegurem o não esquecimento delas e que faça parte da história que estamos fazendo hoje. Que possamos ler e refletir sobre a nossa prática em sala de aula, sobre como podemos pensar em estratégias para superar o preconceito nas escolas, sendo este, o local onde a criança tem o primeiro contato com o mundo fora do colo familiar, levantar estratégias para que este, não se torne um evento traumático na memória da criança e que ela possa passar isso a frente.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena, **História Dentro da História.** (Fontes Históricas / Carla BassaneziPinsky, (org.)- 3. Ed.- São Paulo: 2011.

FREITAS, Sônia Maria de, **História Oral: possibilidade e procedimentos /** Sônia Maria de Freitas. 2. Ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

SCHMIDT, M.L.S; MAHFOUD, M. **Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência,** Psicologia USP, S. Paulo, v.4 n. ½. P. 285-298,1993.

SHARPE, Jim, **A História Vista de Baixo; A Escrita da história: novas perspectivas /** Peter Burk (org.). Ed. São Paulo – UNESP, 1992.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia. In KI-ZERBO, J (org). História Geral da África: Metodologia e pré-história da África.** Tomo I, São Paulo, UNESCO, 1982.

Fonte Documental

ANEXO

